

FEITIÇOS ETERNOS MAIS QUE PERFEITOS

Dora Isabel Batalim

- ▶ **Contos Tradicionais Portugueses**, quatro volumes organizados por José Gomes Ferreira e ilustrados por Maria Keil
- ▶ **Os Desastres de Sofia**, Condessa de Ségur
- ▶ **O Rapaz dos Hipopótamos**, escrito por Margaret Mahy e ilustrado por Steven Kellog, publicado pela Livros Horizonte
- ▶ **Colecção Anita**, editora Verbo (três ou quatro títulos)
- ▶ **O Meu Primeiro Livro de Cozinha**, da editora Verbo

Assim que eu fui uma vez, foram também os livros. Não me lembro de não ter acontecido sempre assim (e para sempre), de todas as maneiras possíveis. Adorava os seus volumes, pesos e tamanhos diversos, o papel das folhas, ora macio, ora mais áspero, os fios que saíam dos limites quando as páginas tinham de ser abertas lá em casa com uma faquinha ou as ondas recortadas como rendas miúdas duns livros de uma colecção quadrada, muito mole, cujo nome não recordo. Passeava-lhes os dedos vezes sem conta nesse rebordo, antes de os abrir.

Quando comecei a perceber que a história propriamente dita só começava depois de algumas páginas, intrigava-me com as guardas quando eram ilustradas, por causa da liberdade que tinham na composição de elementos soltos. Eu já os distinguia como não narrativos e por isso passava horas a tentar investigar o que teriam a ver com a história. Na maior parte das vezes, eram apenas uma imagem de marca relativa à colecção, mas as pontes que lhes inventava acrescentavam muitas coisas à história que se ia seguir. Os livros da *Anita* repetiam vários animais em fundo verde. Noutra colecção havia urso de garfo e faca na mão. Funcionava para mim como o leão da MGM antes de começarem os filmes, adorava-o. Mas só muito mais tarde descobri que aquilo que tinha no canto superior direito do lábio não era uma borbulha mas a língua em sinal de gulodice, a rimar com os talheres e com o guardanapo em forma de babete. Onde fui eu buscar a maldita borbulha?

As capas eram lugares mais às claras. Sempre expostas, catalogavam como um letreiro. Respeitava-as por necessidade, mas aquilo que eu gostava era de abri-las e de descobrir, aos poucos, o que guardavam secretamente.

Conservarei algumas ilustrações no olhar para sempre e comovo-me ao revisitá-las na memória. Nesse rol, há formas e tons específicos de uma determinada cor ou outra, texturas. Já não saberei, na maioria dos casos, de que livro vieram, de que tempos, mas certamente me fizeram o que sou hoje.

Depois, antes e ao mesmo tempo, a voz da mãe que lia com infinita paciência e muito prazer, tantas e tantas vezes, repetidamente. Com ela o mundo de cada livro ficava completo e perfeito. A sua cama, para onde trepávamos todas as manhãs de todos os fins-de-semana, é o lugar de leitura em voz alta mais estupendo que alguma vez conheci. Foi lá que um dia nos foram apresentados os quatro grossos volumes de capa verde dos *Contos Tradicionais Portugueses*, organizados por José Gomes Ferreira.

Neles, perdi-me deslumbrada nas linhas desenhadas por Maria Keil, colocadas como ervas selvagens entre cada história. Nada infantilizadas (e é essa a sua verdade), eram traços espinhados de Outono alternados com outros menos agrestes, manchados de vermelho ou verde suave de modo a não quebrar o negro forte dos riscos. Não sei o que foi, nem como foi, mas o encantamento dura ainda hoje. Lembro-me de olhar intensamente estes desenhos sem saber ler – e até a voz da mãe, geralmente doce, ali mudava de estação ao começar «A Dama Pé de Cabra» ou o «Touro Azul».

Mesmo depois, quando aprendi o mistério das palavras escritas, as figuras de Keil (as mãos cortadas, as cobras, os cabelos em ventania das mulheres personagens...) continuavam a impor-se tanto ou mais que o texto na minha leitura silenciosa, já encaracolada sozinha com o livro no sofá da sala. Feitiços eternos mais que perfeitos, aqueles livros!

Por outro lado, *O Rapaz dos Hipopótamos*, em páginas preenchidas de amarelos e laranjas aquarelados, marcava por oposto um quente *nonsense* desde a capa. Quantas e quantas vezes o folheámos, ouvimos e lemos... quantas?

E há a Sofia, a estupenda e desastrada Sofia que me fez sentir a pessoa mais orgulhosa do mundo naquele dia sagrado de Feira do Livro. Foi o meu primeiro livro não ilustrado. Escolhi-o em declaração de independência profunda e de felicidade: já sei ler sozinha.

Depois... vieram todos os outros e continuam todos os dias a chegar e na maioria persistem ilustrados e muito especiais na sua *fisicalidade* como modo de contar. Alguma vez prescindiria eu deste mundo paralelo? É como se escolhesse viver pela metade. Não sei o que faria sem eles, os livros, sem os seus corpos artísticos que testemunham, inteiros, a sua existência textual (e a minha).

P.S.: Muito importante é contar ainda acerca de outro tipo de livros: os de cozinha. Os da mãe e mais aqueles que ela comprava dirigidos expressamente a nós. Passámos horas com eles, lendo pelas fotografias e imagens as receitas, depois pelas palavras, imaginando-as, desejando-as e testando-as. Depois voltávamos ao livro, num ciclo interminável entre todos nós. Há notas a lápis ao lado das receitas aplaudidas e cruces reprovadoras sobre as rejeitadas, em forma de rabisco, de letras ainda em espelho (dês de Dora ao contrário ou cês de Clara, a minha irmã) e, finalmente, já em escrita bem legível.

É muito divertido voltar a esses livros em família. Atestam, qual caverna rupestre, as nossas vivências e evoluções, e acrescentam muitas dimensões novas ao acto de ler. Foi com os nossos livros de cozinha que comecei a firmar a vontade que me molda desde sempre em relação à leitura. Acredito que aquilo que os livros guardam tem uma tradução real e efectiva em mim, na minha vida e na minha vida com os outros. Sei absolutamente que os livros falam de nós por todos os poros. É nessa troca que se cumprem absolutamente. ■



Dora Isabel Batalim

nasceu em Lisboa, em 1969. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, estudou Sociologia e Ciências da Educação e especializa-se em Estudos do Livro e da Literatura Infanto-Juvenil. É colaboradora do Sector de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, em actividades artístico-pedagógicas, e trabalha há alguns anos com a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, em projectos ligados à promoção da leitura,

no Programa Itinerâncias (que visa a criação e orientação de acções para profissionais da área da leitura) e na sua *Comunidade de Leitores do Livro Infantil*, que criou e orienta e que se destina ao público adulto. Professora de Literatura Infantil nos cursos de licenciatura e mestrado da Escola Superior de Educação de Infância Maria Ulrich, dá formação, a numerosas entidades, nas áreas de Literatura, Promoção da Leitura e Bibliotecas Escolares e é também coordenadora e professora da Pós-Graduação em Livro Infantil da Universidade Católica de Lisboa. Integrou o júri do *Prémio Nacional de Ilustração* nos anos de 2008 e 2009.